



O MITO DE EXU PELA LUZ DO SAMBA-ENREDO

Luciana da Silva Ramos Pereira ¹

Orientadora: Professora Dra. Aira Suzana Ribeiro Martins ²

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, que está em andamento, e faz uma abordagem do ensino de mitologia africana, como fonte de letramentos para alunos do Ensino Médio, por meio da análise e interpretação da letra do samba-enredo da Acadêmicos do Grande Rio, do ano de 2022. A escola de samba sagrou-se campeã do Grupo Especial do carnaval carioca, desse mesmo ano, com um enredo intitulado “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu”. A escolha do gênero samba-enredo se justifica pela carga cultural, pelo caráter épico e pelos valores identitários presentes na modalidade textual, além do fato de o gênero possuir origem na afrobrasilidade. Como referencial teórico para este estudo, são utilizadas as contribuições de Roxane Rojo (2009), para a ideia de múltiplos letramentos e sua pertinência no cenário socioeducacional contemporâneo; de Rildo Cosson (2006), no que se refere ao letramento literário; e de Reginaldo Prandi (2000), para tratar da mitologia dos orixás, com ênfase no mito de Exu, o orixá mensageiro, aquele que é o dono da comunicação. Pretende-se, nesta pesquisa, abranger, na Educação Básica, temas contemporâneos transversais presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a diversidade cultural e a educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras.

Palavras-chave: Samba-enredo, Letramentos, Mitologia africana, Exu.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de cultura plural, suas tradições regionais diversas e suas festas populares são elementos que contribuem para a formação da identidade de seu povo. Sob uma outra perspectiva, está a escola, local de aprendizado, trocas e integração social, que, muitas vezes, acaba estabelecendo uma divisão entre o conteúdo formal trabalhado em sala de aula e a vivência baseada nas experiências de mundo que cada ser traz consigo.

Esta pesquisa pretende, por meio do trabalho com o gênero samba-enredo, unir cultura popular e letramentos, propondo uma abordagem transdisciplinar da temática expressa pela letra do samba de enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) Acadêmicos do Grande Rio, do ano 2022, “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu”. Destaca-se a necessidade de levar para a escola uma mitologia diferente da greco-romana, geralmente privilegiada no contexto da educação. A escolha de se trabalhar o mito de Exu é uma forma de abordar questões sociais e históricas, passando, também, por temas contemporâneos transversais presentes na

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

BNCC de 2017, como a diversidade cultural e a educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras.

Para que se estabeleça uma integração entre o conteúdo disciplinar, geralmente abordado de maneira cartesiana, e a valorização das vivências sociais, a língua, a literatura, a arte, a cultura e a história são trabalhadas de forma indissociada a fim de que se promovam letramentos linguístico, literário e crítico. A proposta dialoga com Freire (1966, p.11): “a educação trava uma relação dialética com a cultura. Dessa forma a nossa ciência não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa”. Como se observa, é impossível educar de forma estanque, sem se considerar o contexto cultural.

Desse modo, pretende-se que o samba-enredo e outros signos apresentados pela escola de samba do carnaval carioca sejam levados à sala de aula como instrumentos de discussão para que se efetuem práticas de leitura e escrita críticas.

O gênero samba-enredo e sua pertinência para a educação

O samba-enredo é um subgênero do ritmo samba e, por se tratar de uma letra de música, elementos melódicos fazem parte de um “corpo artístico” como um todo. Possui origem na década de 1930, sendo uma evolução dos chamados sambas de terreiro ou sambas de quadra. Era comum, até o ano de 1947, que as escolas de samba apresentassem, ao longo dos desfiles, composições cujas temáticas não possuíam relação com o enredo proposto, o que distanciava a música cantada e tocada dos elementos figurativos veiculados pelas escolas de samba. Silva (2007, p.12) destaca:

Importante acrescentar que por samba enredo se entende a composição que é elaborada especificamente para o desfile oficial e executada ao longo de sua realização, cuja letra aborda o enredo, ou tema, que foi escolhido pela Escola para a apresentação e está sendo desenvolvido. O enredo também é apresentado com o auxílio de alegorias, fantasias e adereços. O samba enredo, no entanto, é a forma mais sintética, direta e evidente de apresentar o tema proposto.

A partir de uma observação histórica das letras de samba e dos enredos, é possível perceber certa necessidade de aderência em relação aos aspectos sociais e políticos que motivavam (e ainda motivam) as escolhas das escolas de samba, levantando um aspecto questionável: seria o carnaval das escolas de samba, por conseguinte os sambas de enredo, um

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

modelo de conveniências políticas ou uma forma de protesto, ainda que velado, para driblar a censura da Ditadura Militar, o ufanismo do Estado Novo e uma Guerra Fria? Concorde-se com a afirmação de Silva (2007, p. 14):

No que concerne ao regime militar, isso significa, por exemplo, questionar se os enredos abstratos surgidos em meados dos anos 1970, ao invés de sinal de alienação em relação à dura realidade do país, não seriam uma forma de driblar a reiteração ao ufanismo patrocinado pelos militares, opção esta acolhida por parte das Escolas de Samba; se não poderiam ter sido alvo da Censura, assim como o foram o teatro, o cinema, a imprensa, a música e várias formas de expressão do pensamento e da cultura, também as Escolas de Samba, em que pese a ampla visibilidade de que gozavam como artigo da indústria cultural; se, mais do que reforçar o nacionalismo alimentado pela propaganda governamental, a forma de manifestar o patriotismo de alguns sambas enredo do período não evidenciava, também, uma nova maneira de apropriação da historiografia brasileira distinta do que havia sido burilado e desenvolvido nas décadas de 1940 e 1950; ou se, em paralelo ao espaço ganho pelas temáticas ligadas à negritude, não estaria ainda na base do discurso das Escolas de Samba um sentido de integração, não apenas entre classes sociais, mas entre raças, implicando na construção simbólica do brasileiro miscigenado.

Ao considerarem os aspectos abordados e a visão defendida, elege-se o gênero samba-enredo como instrumento para a promoção de múltiplos letramentos na Escola Básica. O viés literário e a presença de temáticas afirmativas, que visam ao resgate de identidades, são a razão da escolha do gênero.

Por que Exu?

Como já mencionado, este trabalho é o recorte de uma pesquisa, e privilegiou-se iniciá-la pelo mito de Exu, por ser considerado o orixá do princípio, sem o qual nada se faz. No Brasil, por seus aspectos históricos de colônia escravocrata, na qual a religião e os costumes do homem branco foram impostos como paradigma de virtude, é comum que as escolas elejam uma literatura, também, branca. Um paradoxo em um país miscigenado.

Trabalhar o mito de Exu, nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura contribui para uma educação decolonial e crítica, pois, além dos aspectos literários presentes nas mitologias, busca-se difundir uma cultura por tanto tempo rechaçada no ocidente. As mitologias africanas, assim como as religiões de matriz africana, sofreram frequentes repressões e tentativas de apagamento ao longo da história; o próprio sincretismo religioso é, de certo modo, o resultado de uma opressão, uma vez que povos escravizados eram impedidos de adorar seus deuses e divindades

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

e, para tal, acabaram buscando semelhanças e referências nos santos católicos para cultuarem os orixás africanos.

Nesse sincretismo, Exu tornou-se a referência do diabo cristão, conforme ressalta Prandi: “Na época dos primeiros contatos de missionários cristãos com iorubas na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus como diabo e ele carrega esse fardo até os dias de hoje.” (PRANDI, 2022, p.21). A necessidade de punir aqueles que não se adequam à conduta cristã fez com que a simbologia de Exu representasse um perigo, uma vez que o cristianismo trabalha com ideias antitéticas: bem e mal, sagrado e profano, certo e errado, pecado e redenção; enquanto Exu representa o livre arbítrio, possibilidades de caminhos.

Diante desse cenário, o trabalho com o Mito de Exu representa uma ruptura com o padrão greco-romano de se abordar mitologia nas escolas do Brasil. É letramento, identidade, informação, diversidade e, principalmente, reparação histórica, mesmo que tardia.

Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu

Figura - Alegoria representando Exu



Fonte: Site *Carnavalesco*

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

O enredo do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio levou à passarela carioca do samba um conjunto de elementos figurativos (alegorias e adereços), além do samba-enredo, a fim de apresentar e homenagear o orixá Exu. Segue a letra:

Boa noite, moça, boa noite, moço	Ô, luar, ô, luar, catiço reinando na
Aqui na terra é o nosso templo de fé	segunda-feira
Fala, Majeté!	
Faísca da cabaça de Igbá	Ô, luar, dobra o surdo de terceira
Na gira, Bombogira, Aluvaiá!	Pra saudar os guardiões da favela
Num mar de dendê, caboclo, andarilho,	Eu sou da lira e meu bloco é sentinela
mensageiro	Laroyê, laroyê, laroyê!
Das mãos que riscam pemba no terreiro	É poesia na escola e no sertão
Renasce palmares, Zumbi Agbá!	A voz do povo, profeta das ruas
Exu! O ifá nas entrelinhas dos odus	Tantas estamiras desse chão
Preceitos, fundamentos, Olobé	Laroyê, laroyê, laroyê!
Prepara o padê pro meu axé	
	As sete chaves vêm abrir meu caminhar
Exu caveira, sete saias, catacumba	À meia-noite ou no Sol do alvorecer pra
É no toque da macumba, saravá, alafiá!	confirmar
Seu zé, malandro da encruzilhada	
Padilha da saia rodada, ê, Mojubá!	Adakê Exu, Exu ê odará!
	Ê bara ô, elegbará!
Sou capa preta, tiriri, sou tranca rua	Lá na encruza, a esperança acendeu
Amei o Sol, amei a Lua, marabô, alafiá!	Firmei o ponto, grande rio sou eu!
Eu sou do carteadado e da quebrada	Adakê Exu, Exu ê odará!
Sou do fogo e gargalhada, ê, Mojubá!	Ê bara ô, elegbará!
	Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz
	Eu levo fé nesse povo que diz

Compositores: Gustavo Clarão / Arlindinho Cruz / Jr Fraggá / Claudio Mattos / Thiago Meiners / Igor Leal.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

METODOLOGIA

A pesquisa que se pretende realizar será iniciada com a aplicação de um questionário misto, composto por perguntas abertas e fechadas, a fim de que se realize uma anamnese dos participantes. Informações sobre a relação que os alunos possuem com o carnaval carioca, o que eles entendem pela festa, quais mitos conhecem e o que sabem sobre Exu serão fundamentais para uma futura análise comparativa das percepções antes e depois da realização das atividades. Em seguida, será exibido o documentário “Estamira” (2004), no qual é mostrada a história de Estamira, talvez, mais importante personalidade do extinto “Lixão de Gramacho”, o maior aterro sanitário da América Latina, que funcionou entre os anos de 1976 e 2012, no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, cidade sede da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio. Estamira era uma mulher diagnosticada com esquizofrenia, que dizia se comunicar com Exu, “Fala, Majestade!”, e possuía uma percepção crítica da sociedade, porém, por conta de sua condição psíquica, era vista como louca. É ela uma referência para a construção do enredo da escola de samba de Duque de Caxias.

Após a exibição do documentário, a letra do samba-enredo, assim como sua melodia serão apresentados aos alunos. A partir daí, serão traçadas referências entre o audiovisual e o samba, na busca por identificar intertextualidade entre as duas obras. O léxico presente na fala de Estamira e o léxico presente no samba-enredo servirão de ponto de partida para se trabalhar o mito de Exu. Primeiramente, será proposto um levantamento lexical da letra do samba para que se registrem as palavras ou expressões desconhecidas pelos estudantes; em seguida, será feita uma pesquisa para se identificarem os termos de origem iorubá e buscar-se-ão seus significados. Com isso, pretende-se construir, em conjunto, um pequeno dicionário dos termos e expressões da língua ioruba presentes na letra do samba-enredo.

Já com a compreensão dos termos e seus significados, será feita a leitura do texto, para que o mito de Exu seja difundido na sala de aula, com o intuito de romper com preconceitos e paradigmas. É uma proposta de trabalho contra-hegemônica e, por isso, cabe traçar uma comparação com o mito de Hermes, o mensageiro na mitologia grega, figura que, assim como

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

Exu, apresenta marcas não só de luz como também de sombra, mas, em virtude de uma cultura eurocêntrica, não teve a mesmo destino de Exu: a demonização.

Finalizada a aplicação das atividades propostas, como forma de coleta de dados, será selecionado um pequeno grupo, composto por oito alunos, para participar de uma entrevista semiestruturada. Os critérios de escolha dos participantes da entrevista serão a participação em todas as aulas em que as atividades tenham sido aplicadas e a disponibilidade desses estudantes de comparecerem no contraturno em que estudam. Por ser uma pesquisa qualitativa, com características de pesquisa-ação, será aplicado o método da análise de conteúdo de Bardin (2010).

REFERENCIAL TEÓRICO

Por se pensar em uma escola sempre atrelada à realidade sociocultural do estudante, optou-se por se privilegiarem conteúdos que aproximem o aluno do Ensino Médio das questões políticas, sociais, culturais e históricas do ambiente em que está inserido. Para tal abordagem, a escola do século XXI precisa lançar mão de práticas que integrem múltiplos letramentos.

O termo letramento, assim como seu caráter crítico, serão desenvolvidos a partir dos conceitos de letramento e multiletramentos abordados por Roxane Rojo (2009). O termo engloba uma série de elementos capazes de realizar não só a leitura de textos escritos, mas, principalmente, a leitura de mundo, de uma realidade social. Para Rojo (2013), a ideia de letramento surge da necessidade de se ultrapassar a fase de decodificar/codificar, que é a alfabetização. O letramento está acima das capacidades de leitura e escrita individuais; compreende práticas variadas que estão além da escola. A autora defende a ideia de que a evolução propiciou o surgimento do que hoje é chamado de multiletramentos:

Existem muitos formatos para comunicar que consideram a relação da imagem com a escrita ou da imagem com o movimento. Essas novas configurações motivaram a ideia de multiletramentos, que abrange os letramentos da letra e também os letramentos da imagem e do som. (ROJO, 2013, P.20)

Para a mesma autora, o letramento é aquilo que

busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, P.98).

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

Para que o mito de Exu seja trabalhado na sala de aula do Ensino Médio, seguir-se-á a abordagem defendida por Cosson (2021), que considera o letramento literário uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. O texto literário não deve ser meramente instrumental, ele precisa dialogar com as realidades e as identidades.

Conhecer o orixá Exu, por meio dos diversos Itãs, palavra de origem iorubá, referente a narrativas mitológicas, que o mito abarca, proporcionará um exercício de construção da imagem simbólica dessa divindade. Prandi ressalta a importância dos mitos na construção das sociedades: “Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não história, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida” (PRANDI, 2022, p.240). Assim, trabalhar a mitologia africana é resgatar raízes culturais, por muitos, desconhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que o projeto que se pretende desenvolver contribua para que os alunos participantes compreendam parte da história do povo africano e valorizem essa população que, com seu engenho e sua sabedoria, influenciou a cultura brasileira em muitos aspectos. Pretende-se, ainda, que os estudantes se interessem pela história de um povo que, ao longo dos séculos, sofreu com a diáspora e viu seu continente ser arruinado pela cobiça, sobretudo, das nações europeias.

É importante que os estudantes do Ensino Médio sejam capazes de pensar criticamente acerca dos porquês que afastaram as literaturas africanas da realidade cultural brasileira e reconheçam as heranças da África na culinária, na música e nas danças que, a cada dia, adquirem novas configurações, mas mantêm suas origens. Não há a pretensão de se extinguirem as mitologias greco-romanas do cenário educacional brasileiro; busca-se apenas garantir o espaço que a mitologia africana deveria ocupar por direito, já que grande parte da população brasileira é composta de afrodescendentes.

É legítimo afirmar, portanto, que a literatura e a mitologia africana compõem a raiz cultural do povo brasileiro. Além disso, é papel da escola formar cidadãos críticos e, para isso, tratar a diversidade cultural e a educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras, como determina a BNCC, é aspecto primordial para que se rompam paradigmas e preconceitos, por muito tempo, arraigados na realidade social brasileira.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf> >. Acesso em 10 outubro. 2022.

CLARÃO, Gustavo et ali. **Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu**. Samba-enredo 2022 do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, 2021. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-academicos-do-grande-rio/samba-enredo-2022.html>. Acesso em 1 de setembro de 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto. 2021.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianasrpereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com



- FARIAS, Julio Cesar. **O Samba-enredo e o ensino da língua portuguesa e da literatura.** interFACES, v. 11, n. 1, p. 73-80.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização e conscientização.** Porto Alegre: Editora EMMA, 1963.
- MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. **Samba de enredo: história e arte.** Civilização Brasileira, 2010.
- PRADO, Marcos. **Estamira.** Rio de Janeiro: RioFilme/Zazen, 2004. Filme.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** Companhia das Letras, 2022.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: parábola editorial 200 (2009).
- ROJO, Roxane; FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. **Cenários futuros para as escolas. Educação no Século XXI.** São Paulo: Fundação Telefônica, p. 19-22, 2013.
- SILVA, César Maurício Batista da. **Relações institucionais das escolas de samba, discurso nacionalista e o samba enredo no regime militar 1968-1985.** (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB), Colégio Pedro II - RJ, lucianaspereira@gmail.com

² Doutorado – UERJ (2006). Professora da Educação Básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Supervisora do Programa de Residência Docente da mesma instituição - RJ, airasuzana.ribeiromartins@gmail.com